

**VIAGEM AO PAÍS DA LEVITAÇÃO:  
A FILOSOFIA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

**VIAGEM AO PAÍS DA LEVITAÇÃO:  
LA FILOSOFIA EN LA LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL**

**VIAGEM AO PAÍS DA LEVITAÇÃO:  
PHILOSOPHY IN CHILDREN'S LITERATURE**

DATA DE  
RECEPCIÓN:  
03/02/2016

DATA DE  
ACEPTACIÓN:  
22/12/2016

**Idalina Rocha Oliveira Dias**

Universidade de Aveiro  
idalinarochadias@hotmail.com



**Resumo:** A intenção de ensinar filosofia a crianças (ou melhor, de as ensinar a filosofar) tem servido de mote à produção de obras sobre conceitos, temas e problemas filosóficos ou sobre aspetos da história de vida de alguns pensadores. Embora estas publicações sejam excelentes pretextos para o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos futuros cidadãos, a verdade é que, muitas vezes, a sua abordagem peca por ser demasiado nocional ou explicativa. A presente proposta de leitura filosófica da obra, *Viagem ao País da Levitação*, de Gonçalo M. Tavares, toma Platão como referência teórica, e visa mostrar, que, a par de todas as publicações de filosofia para crianças, as obras de literatura, pela sua abertura, são um aliado importante para ensinar a filosofar, pois estimulam a imaginação e a criatividade, promovem o desenvolvimento de competências essenciais de leitura e interpretação e permitem aos mais novos uma entrada natural na abstração, na problematização e na crítica.

**Palavras-chave:** Literatura infanto-juvenil; Filosofia para crianças; leitura filosófica; obra aberta.

**Resumen:** La intención de la enseñanza de filosofía a los niños (o más bien, enseñar a filosofar) ha sido el lema para la producción de obras sobre conceptos, temas filosóficos y problemas o sobre aspectos de la historia de vida de algunos pensadores. Aunque estas publicaciones son excelentes pretexto para el desarrollo de la capacidad crítica y reflexiva de los futuros ciudadanos, la verdad es que a menudo su enfoque yerra por ser demasiado teórico o explicativo. Esta propuesta para una lectura filosófica de la obra *Viagem ao País da Levitação*, de Gonçalo M. Tavares, toma a Platón como referencia teórica y tiene como objetivo mostrar que, a la par de publicaciones de filosofía para niños, las obras de literatura, por su apertura, son un aliado importante para enseñar a filosofar, pues estimulan la imaginación y la creatividad, promueven el desarrollo de las competencias esenciales de lectura e interpretación y permiten a los más jóvenes una entrada natural en la abstracción, en el cuestionamiento y en la crítica.

**Palabras clave:** Literatura Infantil y Juvenil; Filosofía para niños; lectura filosófica; obra abierta.

**Abstract:** The intention of teaching philosophy to children (or rather, the teaching to philosophize) has been the motto for the production of works on the main philosophical concepts, themes and problems or on aspects of the life history of some thinkers. Although these publications are an excellent pretext for the development of critical and reflective ability of future citizens, the truth is that often their approach is notional or explanatory. On this proposal for a philosophical reading of the book, *Viagem ao País da Levitação*, by Gonçalo M. Tavares, Plato is taken as a theoretical reference, and aims to show that, works of literature for its opening are an important ally to teach philosophy as they stimulate the imagination and creativity, promote the development of essential skills of reading and interpretation and allow younger a natural entry into abstraction, in questioning and criticism.

**Keywords:** Children's Literature; Philosophy for children; philosophical reading; open work.

## **Introdução**

O ensino de filosofia a crianças visa o desenvolvimento das competências necessárias à formação de cidadãos críticos e autônomos. São várias as obras que têm sido intencionalmente criadas e publicadas para permitir o acesso rigoroso aos conceitos, temas e problemas da filosofia. Se assim é, então, estas obras mais não serão do que meios ao serviço de um fim, o que, por vezes, as pode fazer correr o risco de serem demasiado explicativas e/ou abstratas e, por essa razão, afastarem-se dos universos de compreensão infantil, levando as crianças a assimilarem passivamente os conceitos que se lhe apresentam. De forma alguma, é este o espírito com que se pretende ensinar filosofia aos pequenos, pois, como refere António Sérgio (in Russell, 1996: 9), a filosofia deve ser “para o aprendiz de filósofo, não uma pilha de conclusões adotadas, e sim uma atividade de elucidação dos problemas”.

Mas a filosofia poderá ter na literatura infanto-juvenil (criada sem qualquer intenção específica) um aliado importante para a sua missão, uma vez que a abertura dos seus textos se constitui, por si só, não apenas como um estímulo à imaginação e à criatividade, mas também como uma exigência ao desenvolvimento de competências essenciais de leitura e interpretação. Deste modo, os textos literários de que os pequenos se apropriam permitem-lhes, igualmente, a iniciação na abstração, na problematização e na crítica.

E, se filosofar, como refere Boavida (1991: 148), é “o resultado de uma série de operações de natureza intelectual, mediante as quais se vão formulando as proposições e encadeando os juízos, dentro de um conjunto de atitudes com uma dada especificidade”, então, tudo o que lhes possa enriquecer o raciocínio, mas também a imaginação, deve ser usado ao seu serviço e em seu nome.

Dessa forma, o livro infantil poderá funcionar quer como “complexo e subtil ‘laboratório linguístico’ para as crianças” (Silva, 1981: 14), quer como laboratório filosófico uma vez que, como refere Lipman (1994: 62), “dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionamos-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar”.

Ora, *Viagem ao País da Levitação*, de Gonçalo M. Tavares, conduz-nos a esses outros mundos, porque nos convida a refletir acerca da situação do homem contemporâneo numa sociedade de abundância e de excesso, mas que em vez de felizes, deixa os homens “preocupados, tensos e irritados”.

Este trabalho, tomando Platão como referência teórica, pretende ser uma proposta de leitura filosófica desta obra e mostrar que, a par de todas as publicações de filosofia para crianças já existentes, a literatura deverá ser sempre tomada em consideração quando o objetivo é formar cidadãos. Só deste



*Viagem ao País da Levitação:*  
a filosofia na Literatura infanto-juvenil

modo se percebe Barthes (1980: 18) quando afirma que “se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. E a verdade é que, de facto, a filosofia está presente no monumento literário.

### 1. Livros de *Filosofia para crianças e literatura infanto-juvenil*

O reconhecimento da importância da reflexão e da crítica na formação dos cidadãos tem motivado a publicação de livros de filosofia para crianças que, de um modo acessível, mas rigoroso, pretendem introduzi-las nos temas e questões da filosofia, quer pela via da memorização/aquisição de conceitos nucleares, quer pela da discussão/análise de problemas.

Entre os seus autores encontramos abordagens diversas: os que priorizam a clarificação dos conceitos filosóficos essenciais (através do questionamento ou do confronto de noções opostas); os que, ficcionando as histórias de vida de filósofos e de pensadores (com os seus dilemas e dúvidas), indiciam o carácter histórico e existencial da própria filosofia e provam que as ideias/doutrinas filosóficas são sempre o reflexo de um tempo, de uma circunstância; e os que inventam histórias à medida, fazendo do texto o pretexto ideal para a reflexão sobre temas filosóficos estruturantes.

Porém, não obstante o mérito dos seus autores que, sem dúvida, muito contribuem para a valorização (e ensino) da filosofia e do filosofar, a verdade é que estes livros não reúnem as condições para poderem ser considerados obras de literatura infanto-juvenil.

Para que tal acontecesse, os livros de Filosofia para crianças teriam que reunir um conjunto de “qualidades literárias” específicas desse tipo de literatura, nomeadamente, a “tendência a personificar ou humanizar o que não é humano, a existência de um conflito externo a que deve dar-se uma solução e de uma carga afetiva e simbolismo textual ou a presença de conteúdos fantásticos ou imagéticos” (Cerrillo, 2007, in Ribeiro e Sotto Mayor, 2011: 242).

Brenifier é um dos autores de referência de livros de Filosofia para crianças. Em *O livro dos grandes opostos filosóficos*, a pretexto de que são as “grandes oposições universais que estruturam o nosso espírito, que lhe permitem refletir” (Brenifier, 2007: 7), parte de doze pares de conceitos opostos e, a partir da sua exploração/clarificação, visa dotar o jovem leitor de instrumentos

necessários à reflexão. Porém, e porque o livro investe sobretudo nessa vertente, torna-se apenas nocional e explicativo, ficando carente de outros elementos mais simbólicos.

Na verdade, na obra de Brenifier, a apresentação lógica e analítica dos conceitos pode constranger a imaginação, ao retirá-los de um contexto (espácio-temporal) e ao concebê-los como abstratos e distantes dos universos de referência infantil. Desse modo, ao visarem “encontrar significados na experiência concreta e quotidiana, sem conciliar as regras da razão com a imaginação criadora de novos significados (...) não obedecem a uma qualquer dinâmica narrativa nem imaginativa como é frequente acontecer na literatura infanto-juvenil” (Ribeiro e Sotto Mayor, 2011: 241-242). Os livros de Brenifier são, pois, cuidadosamente, criados com o propósito de transmitir conceitos filosóficos pelo que a dimensão literária é colocada num plano secundário.

De referir, outra tentativa de abordagem filosófica, não a partir dos conceitos, mas de temas de índole filosófica. São exemplo deste tipo de publicações, *O pardal de Espinosa* e *O homem que tinha uma árvore na cabeça*, de José Jorge Letria. Tratam-se de obras literárias que, pela sua temática, se ligam ao universo da filosofia, ao apresentarem uma história que visa dar a conhecer a vida de duas personalidades da filosofia e da ciência, permitindo aos leitores associar as histórias de vida dos pensadores às suas preocupações teóricas. Os temas são aqui apresentados mais de modo informativo do que problematizador. No entanto, estes livros poderão funcionar como despertadores de interesse para as questões da filosofia.

Existe ainda um outro tipo de publicações de Filosofia para crianças (como é o caso de *Brincar a Pensar?* de Maria João Lourenço e Dina Mendonça) que, inspiradas na metodologia de Lipman, partem de histórias inventadas para o tratamento de uma determinada questão filosófica, tomando como referência as vivências das crianças nos seus ambientes escolares e familiares. Pretende-se usar a experiência concreta das crianças como ponto de partida para a discussão/debate e reflexão de questões filosóficas.

Não obstante o contributo de cada uma destas abordagens para a Filosofia e para a reflexão filosófica, a verdade é que todos eles foram desenvolvidos com o propósito claro de ensinar filosofia a crianças. No entanto, como refere Boavida (1991: 431),

não basta anunciar a intenção de desenvolver hábitos intelectuais por intermédio da Filosofia, é preciso executar e organizar um conjunto de tarefas que efetivamente os provoquem. (...) é preciso, sem dúvida, arranjar um tempo, um espaço e um modo para esses conhecimentos.



## *Viagem ao País da Levitação:* a filosofia na Literatura infanto-juvenil

Conclui-se que os livros de Filosofia para crianças, apesar do seu mérito, talvez, não sejam ainda suficientes para ensinar uma disciplina que não se reduz a uma apresentação/clarificação de conceitos ou de questões, mas em que se cultiva o gosto pelo saber. Além disso, como refere Lipman (1994: 59),

geralmente as crianças têm curiosidade sobre o mundo e essa curiosidade se satisfaz parcialmente com as informações factuais e explicações que lhes dêem sobre as causas ou propósitos das coisas. Mas às vezes as crianças querem mais. Querem interpretações simbólicas e não só interpretações literais.

Por isso, se a curiosidade natural das crianças as faz querer “interpretações simbólicas” e se os livros de Filosofia para crianças, tal como os conhecemos, não parecem conciliar a razão com a imaginação criativa, nem investir em conteúdos simbólicos ou fantásticos, preferindo, ao invés, as abordagens analíticas, nocionais e descritivas, então por que não experimentar mais uma abordagem, como a utilização de obras de literatura infanto-juvenil? Afinal, a literatura infantil é “tão potenciadora de leituras múltiplas como a sua irmã maior,” na medida em que

87

---

percorre, com evidente originalidade, (...) caminhos novos, propondo leituras alternativas à maniqueísta organização do mundo dos textos tradicionais, dando voz a conflitos interiores, às inquietudes do indivíduo, à questionação, à fragilidade da existência, num caleidoscópio cada vez mais multifacetado e multicolor (Ramos, 2012:42).

Em suma, talvez o ensinar filosofia/a filosofar a crianças possa ter na literatura infanto-juvenil um poderoso aliado, pois, ao mesmo tempo que as leem e desenvolvem competências de interpretação e leitura, as crianças interiorizam a história, tornam-na sua e questionam-se acerca dos seus sentidos e questões. A reflexão e a crítica surgirão naturalmente.

### **2. Viagem ao País da Levitação, de Gonçalo M. Tavares**

A obra, *Viagem ao País da Levitação*, de Gonçalo M. Tavares (2012), cumpre uma dupla condição: se, por um lado, como obra de literatura infantil, como referem Veloso e Riscado



(2002: 28), permite construir “mundos polifacetados, mundos ficcionais suportados pela palavra, mundos a descobrir através de múltiplas leituras, convergentes ou divergentes, superficiais ou profundas, mas sempre resultantes de uma infinidade de vozes”, por outro, ao ter como intenção “criar novos comportamentos, isto é, modificar as atitudes dos alunos, criando neles hábitos de pensamento e exigências pessoais de interpretação racional dos problemas e situações” (Boavida, 1991: 430), satisfaz as exigências da filosofia e do filosofar.

Esta obra, sem dúvida um texto literário, através da palavra, conduz o leitor a novos mundos, mas requer igualmente uma capacidade para ir além do texto, para ser sensível aos apelos implícitos que faz à reflexão, para descobrir as cumplicidades concetuais e intertextuais que encerra em si e para, no fim de todo o processo, ser capaz de perceber a análise crítica que encerra e tomar uma posição fundamentada, autónoma e segura.

Poderá, no entanto, perguntar-se se é legítima esta apropriação. Ou seja, se é correto fazer de uma obra de literatura um meio ao serviço de um fim, ao sujeitá-la a uma leitura filosófica. O risco seria o de condicionar a leitura ou então o de permitir uma leitura abusiva de um texto (artístico) criado sem esse (ou qualquer outro) fim específico. Nessa situação, as palavras de Eco podem apaziguar eventuais receios quando afirma que

(...) o discurso artístico nos coloca numa condição de "estranhamento", de "desfasamento"; apresenta-nos as coisas de um modo novo, para além dos hábitos conquistados, infringindo as normas da linguagem, às quais havíamos sido habituados. As coisas de que nos fala nos aparecem sob uma luz estranha como se as víssemos agora pela primeira vez; precisamos fazer um esforço para compreendê-las, para torná-las familiares, precisamos intervir com atos de escolha construir-nos a realidade sob o impulso da mensagem' estética, sem que esta nos obrigue a vê-la de um modo predeterminado (Eco, 1991: 280).

Ou seja, o autor refere que tais exercícios de leitura são não só legítimos como desejáveis uma vez que desafiam o leitor a sair do hábito, a fazer escolhas e a assumir-se como o construtor de sentido daquilo que inicialmente lhe é estranho – mas que não o deixa indiferente – de modo a torná-lo familiar. Daqui decorre a principal marca das obras de literatura e que não se encontra em quaisquer outras: a sua abertura.

Ora, *Viagem ao País da Levitação* é uma obra que se abre aos seus leitores, quer pelo desafio que faz à sua imaginação (convidando-os a aceder a um outro mundo, irreal, povoado por pessoas diferentes daquelas com quem normalmente a criança convive), quer porque permite viver



*Viagem ao País da Levitação:*  
a filosofia na Literatura infanto-juvenil

situações impossíveis e descobrir novas formas de agir e de viver. Desse modo, como refere Eco (1991: 280), “não tende a definir-nos a realidade de modo unívoco, definitivo, já confeccionado”, mas como algo que aguarda uma descoberta.

Se assim é, então pode ser objeto de várias leituras e interpretações que apenas a enriquecem e dignificam, pois, deste modo, afirma Eco (1991: 280), “o discurso aberto torna-se a possibilidade de discursos diversos, e para cada um de nós é uma contínua descoberta do mundo.” Além disso, esse tipo de discurso tem ainda a capacidade de nos reenviar “não às coisas de que ele fala, mas ao modo pelo qual ele as diz”. Por esta razão,

(...) a mensagem não se consuma jamais, permanece sempre como fonte de informações possíveis e responde de modo diverso a diversos tipos de sensibilidade e de cultura a discurso aberto e um apelo a responsabilidade, a escolha individual, um desafio e um estímulo para o gosto, para a imaginação, para a inteligência (Eco, 1991: 280).

Esta tripla estimulação está presente nesta obra de Gonçalo M. Tavares que, qual fonte de informações possíveis, desafia a imaginação e a inteligência, remetendo-nos para Platão ao aflorar questões, como a distinção entre essencial e supérfluo, o impacto da técnica na vida dos seres humanos, ou a urgência e necessidade da Arte. Mas, paralelamente, cultiva a sensibilidade e o gosto a partir de um conjunto de ilustrações que, numa simbiose perfeita com o texto, lhe aprofundam o sentido e apelam a uma leitura simultânea de dois códigos: verbal e visual.

Por isso, *Viagem ao País da Levitação*, “não quer agradar e consolar”, mas “colocar problemas, renovar a nossa percepção e o nosso modo de compreender as coisas” (Eco, 1991: 280) e, por essa razão, ela torna-se, concomitantemente, um importante texto filosófico porque sintoniza com a filosofia a sua preocupação de confrontar os seus aprendizes com situações capazes de ajudá-los a tomar consciência de que o que aparece como óbvio, claro e evidente, contém também outros sentidos/possibilidades de exploração e outras verdades. E é aqui que reside o principal da educação filosófica, que não consiste “na adoção de umas tantas das opiniões de um filósofo”, mas “no treino da atitude crítica, no exercício pessoal de um pensar autêntico, no uso metódico de um ceticismo ativo, na prática da elucidação dos problemas básicos.” (Sérgio, in Russell, 1996: 6). Ora, o texto de Gonçalo M. Tavares permite este treino e exercício do pensar autêntico e autónomo.

### 3. Viajar com Platão ao País da Levitação

Platão serve de guia à viagem ao país da levitação. Porquê ele? Como pergunta Châtelet (1965: 25), “que interesse haverá, para nós que estamos mergulhados nos problemas confusos e complexos da civilização técnica, (...) em interrogar um pensador tão distante, tão evidentemente envelhecido?”.

Pensamos, naturalmente, que porque os tempos são outros as preocupações e objetos de interesse são diferentes. No entanto, a verdade é apesar do fosso temporal que nos separa de Platão, as suas teorias e concepções mantêm-se em vigor e regulam o menor dos nossos movimentos. A sua atualidade prova-se, pois na sua obra:

É de nós que ele fala, do homem preso na tripla problemática característica do seu destino, do indivíduo que procura a satisfação, do cidadão que quer justiça, do espírito que reclama o saber; e a sua fala ressoa singularmente porque emana de um tempo e de um lugar de origem onde foram tomadas, em circunstâncias excepcionais, decisões que, doravante e por mais invenções que depois fossem feitas, determinaram a nossa cultura (Châtelet, 1965: 26).

90

Assim, só Platão nos consegue conduzir pelos temas, inquietações e provocações que Gonçalo M. Tavares apresenta na *Viaagem ao País da Levitação*. Apenas ele é capaz de explicar a necessidade de trilhar um caminho ascendente, em direção a um país povoado por pessoas que, embora “vazias não são ocas”, para apreciar o seu modo de vida alegre e simples - sem tecnologias nem excessos - e contactar com “os mais sábios” que não “mandam”, mas “mostram”. Explica-nos depois a necessidade de fazer o percurso inverso, no sentido descendente, e retornar ao nosso ponto de origem.

Com efeito, na obra de Gonçalo M. Tavares, apresenta-se uma crítica à sociedade contemporânea caracterizada pelo excesso, pela tecnologia e pela decadência do poder; questiona-se a democracia, a existência política e a nova cultura que se lançou, com impaciência na conquista dos conhecimentos e na procura de prazer; e alerta-se para a necessidade de ascender a outra realidade, menos material, para melhor suportar a vida, apresentando-se a arte (dança) como o elemento de contacto entre os dois mundos. Como refere Châtelet,



## *Viagem ao País da Levitação:* a filosofia na Literatura infanto-juvenil

Tudo se passa como se tivesse sido dado a Platão elaborar a lógica da razão e à nossa civilização industrial organizar-lhe a prática. Por isso, o “retorno a Platão” apresenta um duplo interesse: genealógico, por um lado, na medida em que na sua obra são lançados na transparência e no rigor do domínio conceptual os fundamentos da nossa cultura; crítico, por outro lado, pelo facto de que talvez as irracionalidades que denunciava, os obstáculos múltiplos – definitivos ou provisórios – que constantemente se erguiam contra o pleno desabrochar da Razão sejam ainda os que contrariam o nosso progresso ou o desviam do seu fim (Châtelet, 1965: 33).

Assim, ler a *Viagem ao País da Levitação*, sob a orientação de Platão, é uma forma de refletirmos, de modo crítico, acerca da sociedade em que vivemos, dos valores por que nos orientamos e dos ideais que almejamos realizar. Para tal, há apenas que estar atento aos vestígios platónicos, que intencionalmente ou não, Gonçalo M. Tavares nos foi deixando ao longo desta viagem.

### 4. Levitar através das ilustrações

Como anteriormente se referiu, em *Viagem ao País da Levitação*, o texto e as ilustrações ligam-se de modo simbiótico, formando uma unidade plena de sentido. Nenhum pormenor foi deixado ao acaso, pois entre os diversos elementos paratextuais existe a harmonia ideal para que nada do que é importante se perca ou se anule, tal é a força do seu código visual.

Na capa, a leveza da criança que caminha sobre uma gigantesca bola de sabão sem a destruir, desperta a curiosidade para o lugar para onde o leitor é levado a dirigir-se: o País da Levitação. Da observação da capa, surge o espanto do leitor e a sua curiosidade em saber onde fica este país e como podemos lá chegar.

Na guarda inicial do livro, Rachel Caiano, a ilustradora, introduz-nos de forma cúmplice na narrativa dando-nos pistas do percurso, ascendente, até ao tal país. Colocada discretamente do lado esquerdo, uma escada avisa-nos da subida que temos que fazer. E porque a distância é grande, apenas, o avião poderá servir de transporte adequado.

Curiosamente, na guarda final do livro, surge o anúncio de uma nova viagem. Dessa vez, o percurso é descendente, rumo a uma casa alicerçada em solo firme. Porém, o meio de transporte que agora surge não é o avião, mas a bicicleta como que sugerindo que a distância até ao país da levitação é agora menor, permitindo-se o seu regresso com mais frequência.



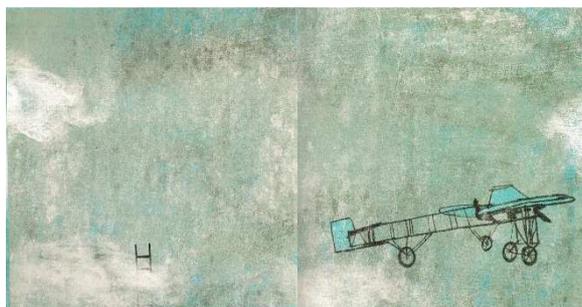


Figura 1- Guardas iniciais do livro



Figura 2- Guardas finais do livro

Esta ideia de partida e de regresso sugere a existência de um mundo terreno de onde se parte e de um mundo leve a que se chega. Ora, Platão afirmou a existência de dois mundos “o mundo sensível, onde tudo é efêmero, mutável, individual, aparência” e “o mundo inteligível, absoluto, imóvel, perfeito, universal, mundo que explica toda a realidade sensível.” (Ferro e Tavares, 2001: 32). O mundo sensível corresponde ao local de onde se parte e o inteligível ao local a que se chega.

A dualidade de mundos aqui referida é reforçada por Rachel Caiano nas páginas interiores (Tavares, 2012: 18-19) quando uma linha separa o mundo a partir do qual se realizará a subida (daí a presença da escada) do mundo da leveza (discretamente anunciada por um balão que sobe no ar). Também Platão, na sua obra *República*, indica a existência de uma linha divisória entre dois mundos (que servirá também para hierarquizar os níveis de conhecimento) ao afirmar “supõe então uma linha cortada em duas partes desiguais; corta novamente cada um dos segmentos segundo a mesma proporção, o da espécie visível e o da inteligível” (Platão, 1992: 313).



## *Viagem ao País da Levitação:* a filosofia na Literatura infanto-juvenil

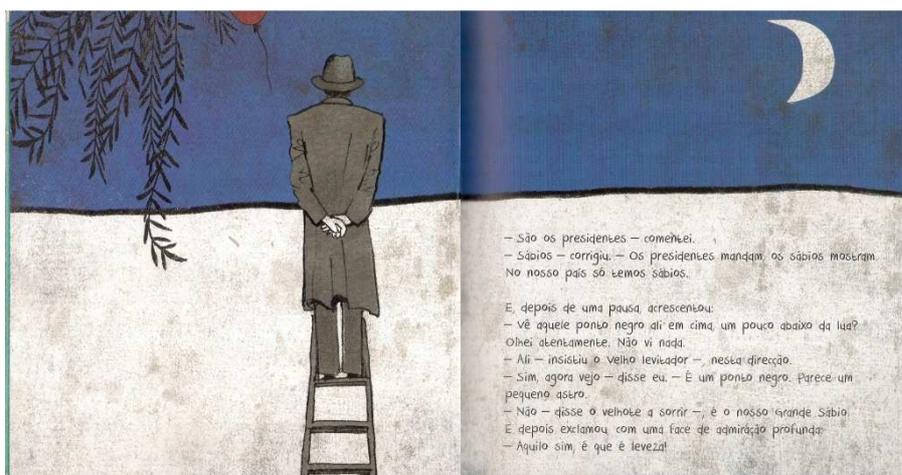


Figura 3- Ilustração interior do livro em que uma linha separa o mundo dos turistas dos habitantes do País da Levitação

Não será por acaso que esta ilustração acompanha o texto em que se alude ao “Grande Sábio” um exemplo de leveza, muito próximo da lua e que nos informa da existência de uma sabedoria acessível apenas aos que foram capazes de superar os diversos níveis de conhecimento<sup>1</sup>.

As ilustrações informam, portanto, o leitor do processo de transformação por que vai passar e das implicações e consequências que podem advir dessa viagem.

93

### 5. Proposta de uma leitura filosófica de *Viagem ao País da Levitação*

A história começa com o dizer de alguém que, porque “andava preocupado, tenso e irritado, precisava de férias.” Por essa razão, uma bailarina, “magricelas, quase pele e osso, mas que andava sempre feliz” propôs-lhe que viajasse até ao País da Levitação.

Sugere-se aqui uma oposição importante para o desenrolar da história: a da existência de um mundo em que as pessoas andam “tensas e irritadas” e um outro em que andam “felizes”. Porém, a sua apresentação é não-expositiva, pelo que se requer do leitor um dinamismo capaz de

<sup>1</sup> De acordo com Marnoto *et al* (1989: 95-96), o caminho que leva ao conhecimento verdadeiro implica uma superação contínua, uma ascense intelectual que parte da opinião (*doxa*) para chegar à ciência verdadeira (*episteme*). Apenas uma depuração de tudo o que nos prende ao sensível permite que se alcance o topo, ou seja a ideia de Bem.

a decifrar, a partir das pistas, ou indícios, que lhe vão sendo sugeridos pela história. Nesse sentido, a leitura desta obra exige “concentração, relação, reflexão, comparação e previsão”. Ou seja, um conjunto de práticas também adequadas à filosofia porque “todos estes hábitos intelectuais estimulam a estruturação do pensamento. Este processo, por sua vez, estimula o raciocínio que se reconstrói de maneira contínua na mente da criança ao ritmo da leitura” (García Sobrino et al, 1994: 10, in Gomes, 2007: 5).

A reflexão que se anuncia parece ser acerca da contemporaneidade, das vidas marcadas por exigências e problemas que assumindo uma gravidade excessiva exercem sobre as pessoas um peso insuportável. E a interpelação filosófica chega-nos por uma via indireta quando se admite a possibilidade da existência de um mundo diferente, o tal em que as pessoas têm um ar feliz.

Conta-nos Gonçalo M. Tavares que aqui as pessoas são tão leves, tão leves, que, ao invés de caminhar, levitam e que isso acontece porque os seus habitantes se tornaram vazios – não ocos – porque, progressivamente, tinham conseguido afastar-se de tudo o que não era essencial para viver. Através de um jogo de palavras, o autor mostra que ser oco (desprovido do que não faz falta, do que não é essencial) não é o mesmo que ser vazio. Desta forma, parece convidar-se o leitor a uma renúncia a tudo o que pesa e que não faz falta.

Essa ideia é reforçada quando o autor revela que, neste país, os habitantes deslocam-se no ar, com passos hesitantes porque afinal “caminhar em cima do ar não é tão fácil nem tão estável como caminhar em cima da terra compacta”, mas que “não precisam de tecnologia, o que eles têm, de facto, é isto: não têm nada. Explicando um pouco melhor: são pessoas sem peso” (Tavares, 2012: 10).

Isto é, de acordo com o texto, as pessoas levitam não por causa de uma qualquer invenção tecnológica, mas tão-somente porque “todo o interior do organismo foi esvaziado”. Mas esvaziado como? Poderá perguntar-se.

O texto esclarece que esse esvaziamento foi feito de modo gradual. Os leitores são levados pela imaginação a conceber o modo como tal vazio se poderá processar. Embora descrevendo-se uma situação impossível, torna-se claro como pode ele acontecer. Explica o autor que, aos poucos, os habitantes do País da Levitação, começaram a livrar-se de tudo o que já não lhes fazia falta. Primeiro dos pulmões, depois de outros órgãos. Dessa forma, atingiram um estado de independência de tal modo “não tinham necessidades”. Porém, o verdadeiro esvaziamento surgiu quando perderam a necessidade de comer. Dispensaram, por isso, todas as estruturas de suporte da digestão, da circulação e por essa razão “os seus corpos são



*Viagem ao País da Levitação:*  
a filosofia na Literatura infanto-juvenil

absolutamente leves e sorridentes porque todo o interior do organismo foi esvaziado. No País da Levitação as pessoas não têm órgãos” (Tavares, 2012: 11).

Esta ideia de libertação e desligamento do corpo e do sensível, como condição para a leveza, é apresentada no *Fédon*, quando se afirma que

enquanto possuímos um corpo e a semelhante flagelo estiver a nossa alma enleada, jamais conseguiremos alcançar satisfatoriamente o alvo das nossas aspirações: e esse, dizemos nós que é a verdade. Inúmeros são, de facto, os entraves que o corpo nos põe, e não apenas pela natural necessidade de subsistência, pois também doenças que sobrevenham podem ser outros tantos impeditivos da nossa caça ao real. Paixões, desejos, temores, futilidades e fantasias de toda a ordem – com tudo isso ele nos açambarca, de tal sorte que não será exagero dizer-se, como se diz, que sujeitos a ele, jamais teremos disponibilidade para pensar (Platão, in Fernandes e Barros, 1999: 52).

Deste modo, quanto mais nos afastarmos do corpo e das suas exigências sensíveis, mais disponíveis ficaremos para o que verdadeiramente importa<sup>2</sup>. E é essa descoberta que nos deixa leves. Numa clara alusão a este exercício de autoaperfeiçoamento e renúncia ao corpo e aos seus prazeres que o filósofo vai fazendo ao longo da sua vida, Platão afirmará que a filosofia “a isto se resume; um treino de morrer e de estar morto” (Platão, in Fernandes e Barros, 1999: 49). Platão afirma que quanto mais desligados das necessidades do corpo, mais leves e, por conseguinte, mais sábios<sup>3</sup> e Gonçalo M. Tavares parece corroborar esta posição quando afirma:

Os que sobem mais alto são os mais leves, ou seja, são os que se libertaram de mais células, de mais necessidades. Em suma: são os mais sábios.”

– São os presidentes – comentei.

– Sábios – corrigiu – os presidentes mandam, os sábios mostram. No nosso país só temos sábios (Tavares, 2012: 15-16).

---

<sup>2</sup> Ainda para mostrar a relação entre corpo e alma, Platão afirma que eles são de naturezas diversas e que “quando o corpo e a alma estão juntos, a natureza impõe àquele que seja escravo e obedeça, e a esta, que tome as rédeas e comande” (Platão, in Fernandes e Barros, 1999: 73). No entanto, o corpo enquanto ligado à alma tenderá sempre para a arrastar para a ignorância e para a impedir de cumprir a sua vocação.

<sup>3</sup> Refere Platão que “uma vez puros e resgatados da demência do corpo, é razoável supor-se que gozaremos da companhia de outros seres igualmente puros e conheceremos por nós mesmos tudo o que é sem mistura, o que equivale a dizer, a verdade” (Platão, in Fernandes e Barros, 1999: 53).



Ora, quanto mais leves, mais sábios. Os únicos capazes de governar porque em vez de mandar, mostram. O Grande Sábio do País da Levitação não era, aliás, mais do que um grande ponto negro, tamanha era a sua leveza e independência.

Em termos políticos, Platão sugere a governação de um estado por um Filósofo-rei, pois, no seu ponto de vista, “a democracia direta favorece (...) a demagogia, isto é, a arte de incentivar a opinião pública por meio do talento oratório; também favorece a tirania, pois há o perigo de que um homem seduza e canalize a opinião pública em seu proveito para, em seguida, subjuga-la.” (Piettre, 1989: 22-23). Daí a exigência do tal desprendimento por parte de quem governa, para que saiba conduzir a opinião pública não “por meio do talento oratório”, mas por meio da verdade.

A história refere também o modo “trapalhão” como as crianças se deslocam passando por “zonas irregulares de oxigénio” com os seus tropeções e “cambalhotas no ar”, típicos de quem está a aprender, mas que encontram nos mais velhos o sorriso e o carinho da tolerância que compreende a necessidade do erro para o conhecimento. As metáforas de Gonçalo M. Tavares para referir o erro tornam-no desejável para a aprendizagem que deve ser lenta e paciente, orientada mais para os processos do que para os resultados. Desta forma mais um ponto comum parece existir com Platão para quem “o educador não é somente aquele que produz bons resultados. Não basta fazer bem, mas deve-se saber porque se faz. Para educar torna-se assim indispensável que a ignorância dê lugar ao conhecimento do bem, o único caminho para a virtude” (Fernandes e Barros, 2004: 34). Afinal, a sabedoria liberta e por isso, não existem no País da Levitação “fios transparentes” que nos possam rasteirar.

No País da Levitação, as pessoas não trabalhavam, apenas, se divertiam e dormiam. Esses indivíduos tinham, no entanto, uma fraqueza, a dança, que os arrastava de vez em quando para o chão e que os impedia de alcançar o estado de perfeição que pretendiam. Refere o texto que “Haviam expulsado todas as necessidades, menos uma: a da dança. Assim, de quando em quando, devido à vontade que sentiam, o corpo deles ficava mais pesado. Os seus pés tocavam, nessas alturas, muito ligeiramente o solo”. Apresenta depois, o modo como dançavam dizendo: “Dançavam muito lentamente. Dançavam valsas, aos pares. Harmoniosos, velhos e novos, rapazes e raparigas, todos dançavam bem” (Tavares, 2012: 23).

Ora, era através da dança que os habitantes desse estranho país se aproximavam dos turistas. No entanto, sentiam que a dança era “uma falha na sua sabedoria”, um inibidor do seu estado de perfeição, pois “no dia seguinte olhavam-nos envergonhados como se fossem crianças apanhadas a



*Viagem ao País da Levitação:*  
a filosofia na Literatura infanto-juvenil

roubar chocolates. Consideravam aqueles dias de dança como fruto de uma falha na sua sabedoria”. A dança, a arte, apresenta-se como uma fraqueza a que os habitantes do País da Levitação não conseguiam resistir, e que agradava muito aos turistas. Diziam estes que quando eles dançavam “os nossos cabelos pareciam ser penteados pelos pés de quem levitava”.

Ou seja, os habitantes do País da Levitação *descem* através da dança (porque deixam escapar uma necessidade), mas os turistas sobem porque a apreciam e passam a senti-la essencial. A dança é, então, o elemento de que Gonçalo M. Tavares se serve para permitir a comunicação entre os dois mundos, uma vez que ela permite que os turistas participem da leveza do País da Levitação. Platão diria que, dessa forma, se permite que o filósofo cumpra a sua missão, que “é melhorar a alma dos outros, para que exista entre os homens uma harmonia que, só ela, possibilitará a existência de uma comunidade” (Penedos, 1977: 168).

Ao regressar das férias, o personagem da história vem mais leve “incomparavelmente mais descontraído e relaxado.” E este estado de leveza de quem, no início da viagem, partia “preocupado, tenso e irritado”, talvez, tenha sido o resultado da aprendizagem de que

o conhecimento meramente técnico e prático, o conhecimento empírico, não constituem uma sabedoria. Mais do que acumulação de conhecimentos, a sabedoria é um modo de conhecer, uma postura particular face aos factos e aos acontecimentos (Boavida, 1991: 136).

97

---



Porém, todo aquele que visita o País da Levitação tem uma missão, pois a sua estadia nesse local transformou o seu visitante e trouxe consequências para o seu quotidiano, uma vez que o fez aperceber-se da necessidade de se libertar do excesso e do acessório para ficar leve e feliz. Por isso, ele deverá comunicar aos outros o que aprendeu e o que viu, com o intuito de também os libertar e fazer ver o que realmente importa. Daí o percurso descendente que tem que realizar. Agora que sabe da existência desse novo mundo, que afinal não é assim tão longínquo, certamente o visitará mais vezes.

### **Considerações finais**

Sob a forma de uma história infantil, Gonçalo M. Tavares apresenta-nos um texto que, a par das ilustrações e tomando como pano de fundo a herança platónica, convida o leitor a visitar a

contemporaneidade e a repensar o seu modo de vida e as suas prioridades. Explorando a oposição natural entre uma bailarina leve e feliz e um “eu” preocupado e tenso, ficciona a existência de dois mundos distintos, instigando no leitor a necessidade de uma ascese que lhe permita operar uma rutura com o vulgar e o rotineiro, distinguir o essencial do acessório, rejeitar a dependência da tecnologia e valorizar a Arte.

Pela natureza existencial das questões colocadas, a leitura do livro serve de mote a um autoaperfeiçoamento e à adoção de uma atitude crítica face à sociedade em que vivemos. Por esta razão, *Viagem ao País da Levitação*, embora sem esse propósito inicial, mas porque promove a reflexão, é também uma obra de filosofia para crianças pois, como refere Russell,

A filosofia, se não pode responder a tantos enigmas como desejáramos que respondesse, tem o poder, pelo menos de fazer perguntas e de levantar problemas, que tornam o mundo muito mais interessante e que mostram o estranho, o maravilhoso, logo por baixo da flor da pele das vulgaríssimas coisas do comum (Russell, 1996: 42).

98

Ora, a *Viagem ao País da Levitação* leva-nos até esse mundo estranho e maravilhoso que se encontra tão perto das coisas vulgares e que, no entanto, só alguns conseguem visitar. Assim, porque instiga os seus leitores a questionarem o óbvio, a separarem o essencial do supérfluo e a valorizar o que realmente importa, esta obra promove naturalmente (entre as crianças) a reflexão crítica e a autonomia do pensamento, assumindo-se, por isso, como uma importante aliada da filosofia e do filosofar.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. (1980). *Aula*. São Paulo: Cultrix.
- BOAVIDA, João (1991). *Filosofia. Do ser e do ensinar. Proposta para uma nova abordagem*. Série: Pedagogia, 11. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- BRENIFIER, O. (2007). *O livro dos grandes opostos filosóficos*. Lisboa: Edicare Editora.
- CHÂTELET, F. (1965). *Platão*. Porto: Rés Editora.
- ECO, U. (1991). *A Obra Aberta*. 8ª edição. Debates-4. São Paulo: Perspetivas.

*Viagem ao País da Levitação:*  
a filosofia na Literatura infanto-juvenil

- FERNANDES, M. e N. BARROS (Introdução e análise) (1999). *Fédon de Platão (texto integral)*. Lisboa: Lisboa Editora.
- \_\_\_\_\_ (Introdução e análise), (2004). *Górgias de Platão (texto integral)*. Lisboa: Lisboa Editora.
- FERRO, M. e M. TAVARES (2001). *Análise das obras Górgias e Fédon de Platão*. 3ª edição, Lisboa: Editorial Presença.
- GOMES, J. A. (2007). “Infância e juventude e promoção da leitura: balanço e perspectivas, Ponte de Lima 14/3/2006 no âmbito do encontro do projeto Vale de Letras, da Valimar (Associação de Municípios do Vale do Lima)”, disponível em [http://www.valimar.org/files/resourcesmodule/@random42436986a44ba/114475663\\_3\\_Conclus\\_o\\_e\\_interven\\_es.doc](http://www.valimar.org/files/resourcesmodule/@random42436986a44ba/114475663_3_Conclus_o_e_interven_es.doc) (Texto revisto para a Casa da Leitura em 12/05/2007).
- LETRIA, J.J. (1991). *O homem que tinha uma árvore na cabeça*. Porto: Porto Editora.
- \_\_\_\_\_ (2007). *O pardal de Espinosa*. Porto: Porto Editora.
- LETRIA, J.J. e M. LIPMAN (1994). *A Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria.
- LOURENÇO, M.J. e D. MENDONÇA (2011). *Brincar a Pensar?* Porto: Plátano Editora.
- MARNOTO, I., FERREIRA, L. e M. GARRÃO (1989). *Filosofia-11º ano*. 5ª edição. Lisboa: Texto Editora.
- PENEDOS, Á. J. (1977). *O Pensamento Político de Platão. Volume I Da Apologia de Sócrates ao Ménon*. Porto: Publicações da Faculdade de Letras do Porto.
- PIETTRE, B. (1989). *Comentário ao livro VII de “A República”*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- PLATÃO (1992). *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 7ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RAMOS, A.M. (2012). *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude*. Porto: Tropelias & Companhia.
- RIBEIRO, J. e G. SOTTO MAYOR (2011). “A literatura infantil e juvenil e os livros de filosofia para crianças”. In Azevedo, F., Mesquita, A., Balça, A., Silva, S. (coords). *Globalização na Literatura Infantil. Vozes, Rostos e Imagens*. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Raleigh: Lulu Entreprises, pp. 235-249.
- RUSSELL, B. (1996). *Os problemas da filosofia*. Tradução e prefácio de António Sérgio. Coleção Stvdivm- temas filosóficos, jurídicos e sociais. Coimbra: Arménio Amado Editor.

- SILVA, V. (1981). “Nótula sobre o conceito de literatura infantil”. In Sá, Domingos Guimarães (1981). *A literatura infantil em Portugal- Acheias para a sua história*. Braga: Edição da Editorial Franciscana, pp. 9-15.
- TAVARES, G. M. (2012). *Viagem ao País da Levitação*. Ilustrações de Rachel Caiano. Lisboa: Associação para a Promoção Cultural da Criança (APCC).
- VELOSO, R. M. e L. RISCADO (2002). “Literatura Infantil, brinquedo e segredo”. *Malasartes, Cadernos de literatura para a infância e a juventude*, 10, pp. 26-29.

